

## A BANALIZAÇÃO DA INJUSTIÇA SOCIAL

### COMO TOLERAR O INTOLERÁVEL

DE CHRISTOPHER DEJOURS

*A Banalização da Injustiça Social*. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999, 160p.

POR MARIA HELENA T. DE ALMEIDA LIMA

Doutora em Serviço Social pela PUC-SP. Professora Adjunta da Faculdade de Serviço Social.

Este é mais um livro dedicado a problemática do trabalho em tempos de globalização. Nele, o autor marcha na contra-mão dos estudiosos que vêm analisando a adesão ao discurso economicista, quer como impotência diante do inevitável, quer como explicação da capitulação ao capital global, face a ausência de alternativas. Contra essa disjuntiva que parece aprisionar a análise ao “fato” e ao “mito”, Dejours, de forma singular, abre uma brecha para dizer que, o que coloca a Razão Econômica acima da Razão Política, é menos a falta de alternativa à crise e mais o indício de um aumento progressivo da tolerância para com a injustiça. O autor desenvolve essa tese, tomando como núcleo de investigação, o sofrimento no trabalho. Diferente dos que falam do Fim do Trabalho, Dejours reafirma a natureza paradoxal do Trabalho no *Mundo Moderno; mediador de realização do ego* e fonte de emancipação e democracia, o Trabalho é também e, cada vez mais, fonte de Sofrimento. Nessa chave o problema que ele se coloca é: *por que uns aceitam infligir sofrimento a outros enquanto estes consentem em padecer o sofrimento?* De saída, observa-se que ele se centra mais nas motivações subjetivas da dominação do que na lógica da dominação. Isso não significa que abre mão da idéia de que a dominação é algo intrínseco ao Modo de Produção capitalista e as formas de exploração validadas pelo neoliberalismo; é graças “a forma de domina-

ção baseada no trabalho e na apropriação do produto do trabalho” que o sistema neoliberal se mantém. Assim o espaço de trabalho “é um espaço de experimentação da iniquidade”, tanto para as vítimas, como para os beneficiários do sistema. Com essa perspecti-

va e, em continuidade com outras publicações suas (1988 - 1997), Dejours investiga o problema do sofrimento no trabalho, entendendo que essa questão é não apenas, uma questão política crucial mas também um problema teórico. Nesse campo ele sublinha o que chama de “erro histórico” da esquerda em geral, que teria reduzido o problema do sofrimento no trabalho, “a mero reflexo do individualismo favorecedor do egocentrismo pequeno burguês e reacionário”. Essa linha de reflexão e de prática favoreceu, segundo ele, o afastamento dos trabalhadores do movimento sindical, e fortaleceu o aparecimento de “uma nova cultura empresarial”, fundada no elogio do mercado. O autor avalia, que essas duas chaves de análise embora divergentes, se fundaram numa perspectiva economicista e se indaga: Serão as leis econômicas o resultado de leis inexoráveis ou elas são muito mais, o fruto da construção de homens e mulheres? É essa última perspectiva que orienta a sua investigação sobre o aumento da tolerância para com a injustiça, nos últimos anos. Opondo-se àqueles que explicam esse fenômeno pela falta de uma ideologia substitutiva ao economicismo, Dejours defende a idéia de que o crescimento da tolerância para com o intolerável, é o resultado da cumplicidade da sociedade como um todo com as teses

economicistas. Assim, não foram somente as taxas de emprego que caíram, mas a mobilização coletiva em prol da solidariedade e da justiça que se tornam escassas. Esses acontecimentos são definidos por Dejours como um processo de *banalização do mal*. O que se poderia indagar, e ele o faz, é se há algo de novo nisso? Não. Não há! A banalidade do mal é subjacente à eficácia do sistema econômico liberal. O que é novo é a banalização ou que o sistema apareça como bom e justo. O autor retém o conceito de *banalização do mal* da obra de H. Arendt e, aplicando-o ao campo da psicopatologia em associação com a noção de *Distorção Comunicativa* de Habermas, procura entender as condutas que conformam o problema da *Tolerância* para com a injustiça nesse fim de século. O uso desses referenciais analíticos, lhe permite desenhar uma espécie de círculo cinzento, onde estão aprisionados, dominados e dominantes. Os primeiros pela obediência e submissão e os segundos pela força da ameaça e o poder do medo. Uns e outros jogam para debaixo do tapete a responsabilidade pela injustiça e pelo infortúnio, como se isso fosse uma fatalidade do destino.

Como H. Arendt, Dejours parece dizer que *tudo que é, existe, numa presença opaca e sem sentido que espalha o ofuscamento e provoca mal-estar* (H. A., 1987). Ora, esse mal-estar esconde hoje como ontem, o silêncio e o mutismo, que se disseminam por todo o tecido social e ganham forma específica no espaço do trabalho. Aí eles estruturam uma rede de cumplicidade que insinuando-se por toda a hierarquia, desde os gerentes até as unidades elementares de operação submete os trabalhadores aos efeitos da precarização das condições de trabalho. Mas, não se pense que esse processo é somente passivo! Ao contrário, ele é um movimento ativo, de colaboração mesmo, que se conforma na adesão às teses economicistas. Contra esse comportamento paradoxal, os trabalhadores, no dizer de Dejours, reagem psiquicamente, elaborando “estratégias de defesa contra a consciência dolorosa da própria cumplicidade e da colaboração no agra-

vamento da adversidade”. Essa reação, se bem que psicológica, tem profundas consequências sociais, enquanto implica, na aceitação e até no uso da ameaça como modo de gestão, o que imprime ao processo de trabalho o signo do medo:

Em convir na transformação da mentira não só em verdade “racional”, mas no meio de apagar da memória os vestígios das lutas e vitórias passadas evitando assim comparações entre o passado e o presente.

Em consentir sair da posição de agentes da produção, conquistada em lutas memoráveis, para a de “reféns do neoliberalismo”.

Em admitir a idéia como diria H. A. de que podemos estar caminhando para uma sociedade de trabalhadores sem trabalho, onde os homens correm o risco de se tornarem supérfluos.

Mas como vencer a força do poder e do medo, que costura essas formas de consentimento, ensinando a *tolerância* para com o intolerável?

Para responder a essa pergunta, Dejours desloca-se do campo da filosofia para o da psicopatologia do trabalho e esboça um novo conceito de ação, capaz de incluir não só o trabalho, mas o sofrimento. Ele entende que só por essa via é possível compreender a passividade e mesmo a cumplicidade das massas com a injustiça. Assim, para além de H. Arendt, ele defende a imbricação entre ação, trabalho e sofrimento, sob o argumento de que agir, implica em poder *experimental a paixão e suportar a compaixão*.

Concorde-se ou não com essas interferências, ou com o caminho crítico que o autor escolhe, estamos certamente diante de um livro instigante e obrigatório para quem quer conhecer por dentro, as mazelas do mundo do trabalho e os seus impactos sobre a subjetividade nesse fim de século. Seja como for, não será demais prevenir-se contra o conhecimento específico, para não acabar ignorando a lógica que o engendra. Na verdade, eu não acho que o autor faça isso, mas é importante cuidar, para que o olhar posto na árvore, não perca de vista a floresta.